

João Leal Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal



João Leal

S E Ç Ã O C O M U N I C A Ç Ã O

Vistas de longe e à distância a arquitectura e a antropologia ao longo do século XX apresentam um forte ar de família. Não é que a sua frequência tenha sido assim tão assídua, mas cada uma das disciplinas, na sua versão moderna, acabou por se organizar - de forma paralela e sem que disso os seus praticantes tivessem consciência - em torno de alguns grandes motivos estruturantes.

Alguns exemplos podem ser dados. Assim, a arquitectura moderna construiu-se contra a história e os estilos históricos. Do mesmo modo a antropologia moderna distanciou-se do evolucionismo e do difusionismo e da sua visão de uma antropologia fundada na história. A arquitectura moderna afirmou-se contra o ornamento. A antropologia moderna distanciou-se da profusão barroca de dados etnográficos retirados dos seus contextos praticada pelos antropólogos evolucionistas: à sua maneira uma espécie de ornamentalismo escusado. A arquitectura moderna era funcional, a antropologia moderna era funcionalista. Independentemente das suas diferenças, estes dois funcionalismos convergiam na sua apreciação da realidade como estando ou devendo estar organizada em torno de uma acertada adequação entre meios e fins, entre a parte e o todo. A arquitectura moderna cultivou formas geométricas puras. As melhores monografias da antropologia moderna elegeram também uma visão geométrica da realidade, privilegiaram formas definidas com clareza, dicotomias, encaixes milimetricamente acertados, diagramas onde tudo parecia estar no seu correcto lugar. Lévi-Strauss ou Radcliffe-Brown - ou mesmo Evans-Pritchard - estão para a antropologia moderna assim como Corbusier ou Mies van der Rohe estão para a arquitectura moderna.

Tendo convergindo, sem que disso de dessem conta, no modernismo, a arquitectura e a antropologia foram também duas das disciplinas onde a ruptura pós-moderna teve maior impacto e assumiu expressões mais similares. Em ambas é óbvia e radical a recusa das grandes narrativas que organizavam o modernismo. Mas não apenas. A antropologia pós-moderna nasce de uma crítica de contornos foucaultianos ao modo como a voz do antropólogo moderno não deixava ouvir as vozes dos indígenas: advogava em consequência a dialogia e a polifonia. De igual modo, a arquitectura pós-moderna - com Charles Jenks - defenderá o "double coding" como forma de inclusão mais efectiva nos projectos de arquitectura das expectativas e dos gostos dos "habitantes, utentes ou transeuntes", dos indígenas, em suma. Finalmente, na sequência da ruptura pós-moderna, tanto na arquitectura como na antropologia, instalou-se também um estado de espírito dominado pela fragmentação: temática e teórica, no caso da antropologia, programática e estética, no caso da arquitectura.

Descontando eventualmente o caso da ruptura pós-moderna - ao qual regressarei mais à frente - não se pode falar de influências mútuas, mas de desenvolvimentos independentes e paralelos. Mas vendo de fora e à distância, o ar de família é sugestivo.

Tendo mantido um diálogo - que desconheciam - ao longo de



1, 2, 3, 4 e 5. Ernesto Veiga de Oliveira, "Arquitetura Tradicional Portuguesa".